

## PRECONCEITO E ATTITUDES EM RELAÇÃO À EDUCAÇÃO INCLUSIVA

*Prejudice and attitudes towards inclusive education*

*José Leon Crochík<sup>1</sup>*

*Marian Dias Ferrari<sup>2</sup>*

*Roberto Romeiro Hryniewicz<sup>3</sup>*

*Otávio Nascimento de Barros<sup>4</sup>*

*Rafael Baioni do Nascimento<sup>5</sup>*

### **Resumo**

Este artigo estuda a atitude de alunos de Licenciatura a respeito da educação integrada/inclusiva. Parte da hipótese que o preconceito e a ideologia são fatores que impõem obstáculos à implantação e ao desenvolvimento dessa forma de educação. Foram aplicadas para 149 estudantes de Licenciatura das áreas de Humanas, Exatas e Biológicas na cidade de São Paulo, as escalas de Manifestação de Preconceito, de Atitudes a respeito da Educação Inclusiva, de Ideologia da Racionalidade Tecnológica e a Escala F, esta de Adorno et al. (1950). Com relação à educação integrada/inclusiva, os três grupos não diferiram significativamente entre si, demonstrando uma tendência levemente favorável – ainda que com restrições – a essa forma de educação. As correlações obtidas entre os escores dessas escalas indicaram que há diferenças entre os motivos que levam aos posicionamentos dos alunos de Exatas, Humanas e Biológicas frente a essa modalidade de educação; nos alunos de Exatas, o preconceito é a variável mais importante entre as avaliadas; nos alunos de Biológicas, a ideologia da racionalidade tecnológica e a adesão implícita ao fascismo, avaliada pela escala F, são as variáveis mais associadas com a rejeição à educação inclusiva. Tais dados indicam que a questão da educação integrada/inclusiva deve ser abordada de modos diferentes nas Licenciaturas, de acordo com as carreiras, uma vez que a concordância ou não com esse tipo de educação está ligada a distintos fatores em cada uma delas.

**Palavras-chave:** Educação inclusiva; Licenciatura; Preconceito; Ideologia.

<sup>1</sup> Docente do Instituto de Psicologia da USP e dos Programas de Estudos Pós-Graduados em Educação: História, Política, Sociedade e em Psicologia Social da PUCSP e bolsista Produtividade em pesquisa do CNPq, a quem este autor agradece.

<sup>2</sup> Professora Doutora da Universidade Mackenzie.

<sup>3</sup> Mestrando do Instituto de Psicologia – USP.

<sup>4</sup> Psicólogo, graduado pelo Instituto de Psicologia – USP.

<sup>5</sup> Graduando do Instituto de Psicologia - USP.

Todos os autores são membros do LaEP – Laboratório de Estudos sobre o Preconceito do IP-USP. Av. Prof. Mello Moraes, 1721. Cidade Universitária. 05508-900. São Paulo. SP. E-mail: laep@usp.br.

## Abstract

This article studies the attitude of licentiate students towards integrate/inclusive education. The main hypothesis is that prejudice and ideology are factors that impose obstacles to implantation and development of this form of education. There has been applied on 149 licentiate students from the city of Sao Paulo the following scales: Prejudice Manifestation (P), Attitude towards Inclusive Education (E), Technological Rationality Ideology (I) and The F scale conceived by Adorno et al. (1950). As to integrate/inclusive education, the three groups studied (Exact sciences, Biological sciences and Humanities) did not differ between themselves, showing a slightly favourable tendency – although with restrictions – for this form of education. The correlations obtained between the scores of these scales indicated different reasons as to what takes the students of the three areas adopt their position regarding this form of education; for the Exact sciences' students the prejudice is the most important variable; for the Biological sciences' students, technological rationality ideology and implicit adherence to fascism, evaluated by the F scale, were the most associated variables with rejection to inclusive education. Such data indicates that integrate/inclusive education may be boarded regarding the different careers, inasmuch complying or not with this form of education is connected to distinct factors in each one of them.

**Keywords:** Inclusive education; Licentiate; Prejudice; Ideology.

## Introdução

A educação inclusiva teve um grande impulso de desenvolvimento na década de 1990 nos EUA, segundo Stainback e Stainback (1999). O mesmo ocorreu em diversos países da Europa, conforme os dados da Agência Européia relatado por Gracia (2000), e também em países como o Brasil, segundo os dados da Secretaria da Educação Especial (2000). A implantação e o desenvolvimento desse tipo de educação foram e são distintos nesses países, mas algumas características são comuns, tais como: 1- considerar o professor responsável pela classe regular como o agente mais importante no processo educativo e não o professor especialista; 2- admitir que as crianças com deficiências<sup>6</sup> passem um tempo mínimo fora da sala de aula para reforço individual; 3- realizar alterações no currículo para permitir o cumprimento dos objetivos, tendo em vista a nova clientela.

No Brasil, ainda é grande a oferta de estabelecimentos de educação especial que convive com a educação regular; em alguns países da União Européia, em maior ou menor medida, isso também ocorre (Gracia, 2000). Em alguns desses países, os colégios de educação especial oferecem apoio à educação inclusiva no que se refere aos alunos com deficiências. De acordo com os dados da Agência Européia, o centro desse apoio é o

professor responsável pela sala de aula, que eles denominam de professor tutor (Gracia, 2000). Gracia (2000) também afirma com relação ao currículo que os colégios e os professores concordam em torná-lo flexível, ainda que Ortega (1995) estabeleça limites para essa flexibilidade. Esse último defende que é possível modificar os métodos da sala de aula, mas os objetivos educacionais propostos devem ser mantidos, uma vez que se constituem em direito de todos (1995, p. 14). Mas há divergências também entre os defensores da educação inclusiva. Ainscow (1997) dá ao professor especialista o papel de auxiliar do professor responsável pela sala de aula, enquanto Mantoan (2003) critica esse papel bem como qualquer tipo de apoio especializado à educação. A autora insiste, tal como Ainscow (1997), Delgado e Martinez (2002), Rendruello (2002) e Mittler (2003), que a escola deve ser modificada em sua estrutura, incluindo a organização do currículo e a avaliação, para que algumas atitudes indesejadas tais como a indisciplina, a competição, a discriminação e os preconceitos sejam evitados. Deve-se assinalar também que a educação inclusiva não se volta unicamente às crianças com deficiências, mas para crianças de etnias minoritárias, mulheres – nos países que as excluem da educação –, meninos em situação de rua etc..

Quando comparamos os dados dos EUA

<sup>6</sup> A nomenclatura nessa área é importante pelas implicações que têm em relação ao preconceito. Até o momento não há uma solução adequada para isso. Diversas expressões são utilizadas: 'deficiente', 'criança com deficiência', 'criança portadora de deficiência' e 'criança com necessidades educativas especiais'. No entanto, mesmo essa última expressão, que é a mais atual, não vem agradando os especialistas (ver Mittler, 2003, por exemplo). Assim, optamos por utilizar a expressão 'crianças com deficiência', pela precisão que contém em nosso meio.

com os do Brasil sobre a porcentagem de crianças com deficiência em classes regulares, é impossível não destacar a grande diferença entre eles. Ao final da década de 80, que dava início ao fortalecimento do movimento de educação inclusiva, os americanos apresentaram, segundo Stainback e Stainback (1999), uma incorporação de alunos com deficiência em salas comuns de 69,2%, uma porcentagem bem mais elevada do que os brasileiros apresentavam em 1998, que, segundo dados da Secretaria da Educação Especial (2000), foi de 13%.

A tendência a fortalecer a educação inclusiva, nos Estados Unidos da América, amplia-se ainda mais na década de 90. A pesquisa de Mcleskey, Henry e Axelroad (1999) apresenta dados sobre a educação americana do período entre 1989 e 1995, concluindo que a inclusão de crianças com deficiência em salas de aula regulares aumentou significativamente e o ensino em instituições especializadas diminuiu. Contudo, nesse período, houve um leve aumento de crianças com dificuldades de aprendizagem em classes especiais. Tendo em vista essa tendência, segundo esses autores, os cursos americanos de formação de professores estão modificando o seu currículo, para que os futuros professores estejam mais bem preparados para atender à nova demanda. Comparados os dados da Itália com os do Brasil, a diferença em relação ao incremento da educação inclusiva é ainda maior. Segundo Mittler (2003, p. 53), 99% das crianças com deficiência, na Itália, estão em escolas regulares, o que não implica que essa questão esteja plenamente resolvida naquele país.

Apesar de podermos levantar uma série de questões sobre o modo de obtenção desses distintos dados de diversos países, a diferença é tão grande, quando se compara os dados dos EUA e Itália com os do Brasil, que mesmo resolvidas essas questões, tal diferença ainda deve permanecer elevada. Em virtude disso, não faremos distinção, neste artigo, entre educação integrada e educação inclusiva, pois, em nosso meio, a educação segregada ainda é bastante freqüente, e, por isso, daremos atenção à distinção entre educação segregada e educação integrada/inclusiva,

defendendo essa última, tendo em vista os argumentos e os resultados de pesquisas que serão expostos a seguir<sup>7</sup>.

Monteiro e Castro (1997) explicitam algumas das vantagens da educação integrada/inclusiva para os alunos portadores ou não de deficiências no que diz respeito ao desenvolvimento e à interação social quer das crianças com deficiências, quer das crianças sem deficiências, apontando para o fato de que não há registro de efeito danoso desse tipo de educação em ambos os grupos de crianças. Concluem também que as crianças portadoras de deficiências têm vantagens quando aprendem em conjunto com as crianças sem deficiências e estas não são prejudicadas. Nessa mesma direção, os dados da pesquisa de Odom, Deklyan e Jenkins (1984) apontam que a presença de crianças com deficiência não atrapalhou o desenvolvimento e a aprendizagem de seus pares não deficientes. Os autores assinalaram também que, se no ensino integrado/inclusivo, os alunos com deficiência tendem a imitar os alunos sem deficiências, o que é vantajoso para eles, os alunos não deficientes não tomam as crianças com deficiências como modelo de imitação. Assim, essas crianças têm vantagens no ensino integrado/inclusivo, principalmente no que se refere à sua sociabilidade, o que é confirmado também pelo estudo de Jenkins, Odom e Speltz (1989).

Algumas pesquisas mostraram que alunos sem dificuldades de aprendizagem também têm vantagens no ensino integrado/inclusivo. Pastells (1993) indica a favor dessa modalidade de ensino o desaparecimento dos estigmas, o favorecimento da maturidade das crianças sem deficiências e a diversificação metodológica do ponto de vista didático. Como esses estudos mostram as vantagens da educação integrada/inclusiva quer para as crianças com deficiências, quer para os seus colegas, julgamos que esse tipo de educação é efetivamente um avanço na questão da igualdade e da justiça sociais, mesmo considerando as dificuldades de sua implantação.

O Brasil é um dos países signatários da Declaração de Salamanca de 1994 e tem em sua

<sup>7</sup> Para essa decisão, cabe considerar também que Mazzotta (2003) alega haver uma imprecisão conceitual no emprego dos termos integração e inclusão, e que isso contribui: "...para uma cisão entre defensores da integração e da inclusão, como se o próprio sentido da educação já não fosse a busca de integração ou inclusão social" (p. 16). Ainda que julguemos importante tal distinção, concordamos que ela não deva levar à divisão de esforços na luta pela inserção de crianças com necessidades educativas especiais em salas de aula regulares: é melhor, a nosso ver, a educação integrada do que a segregada, ainda que a educação inclusiva indique ser a mais adequada.

Constituição um artigo favorável à educação inclusiva. Assim, apesar da defasagem em relação a outros países e ainda que não haja dados oficiais atualizados sobre a ampliação do número de alunos com deficiências em salas de aulas regulares, é provável que isso esteja acontecendo, ainda que seja difícil ter uma avaliação disso. Além desse, há outro problema: o sucesso ou não desse tipo de educação. A implantação da educação inclusiva e o seu êxito dependem de vários fatores, sobretudo de ordem financeira e educacional, mas as atitudes frente a ela, principalmente dos professores e dos colegas sem necessidades especiais, parecem também ser um fator importante.

No que se refere aos professores, Cook, Cook e Landrun (2000) estudaram a atitude dos professores de classes inclusivas em relação aos seus alunos. Concluem que os alunos com deficiências suscitam preocupação e rejeição por parte desses professores, afetando assim a sua conduta em sala de aula frente a eles. Tendo em vista esses resultados, propõem que essa variável – atitude do professor – não pode ser negligenciada na implantação e desenvolvimento do ensino inclusivo. Provavelmente, dizem os autores, os comportamentos menos adequados e o aprendizado mais lento do que seus colegas sem dificuldades podem gerar atitudes desfavoráveis dos professores em relação a eles. León (1994) também indica dificuldades dos professores em lidar com alunos com deficiências e sugere que pesquisas de campo sobre a determinação dos fatores que influem nas atitudes dos professores em relação a esses alunos podem trazer dados para enfrentar esse obstáculo. Os dados dessas pesquisas reforçam as conclusões de outros trabalhos tais como os de Ortega (1995), Mclesky *et al.*, (1999) e Mittler, (2003) no que diz respeito à percepção e atitude do professor diante da questão. Esses autores defendem a necessidade da formação de professores ser voltada para a educação integrada/inclusiva.

Conforme foi mencionado, há obstáculos de diversos tipos à educação integrada/inclusiva: financeiros, pedagógicos, políticos, mas há também aqueles que são propícios a ser estudados pela Psicologia Social, tal como o preconceito contra as crianças com deficiências, que podem ser obstáculos à sua implantação e desenvolvimento. Dados de recente pesquisa (Crochík, 2004) mostram haver relação entre a atitude contrária à edu-

cação inclusiva e a manifestação de preconceitos. Apesar de não ser uma correlação elevada, mesmo que significativa (0,44), tal resultado indica que o preconceito é um dos fatores associados à atitude de alunos do último ano do curso de Pedagogia em relação à educação inclusiva.

O preconceito, que possui, segundo Duckitt (1992), diversas formas de compreensão quanto às suas determinações, é entendido aqui como uma atitude comum para certo número de pessoas, que não diferenciam indivíduos pertencentes a determinados grupos. Se a atitude, tal como definida por Krech, Crutchfield e Ballachey (1975), tem uma parte cognitiva, outra afetiva e uma tendência para a ação, os estereótipos dizem respeito à parte cognitiva do preconceito, e são percepções empobrecidas e deformadas do alvo que servem para justificá-lo. Os afetos podem ou não ser hostis ao objeto, mas não têm fundamento na experiência. A tendência para a ação pode ser favorável ou contrária ao objeto. Assim, a superproteção à pessoa com deficiência, por exemplo, pode significar o desconhecimento, mediado pelo preconceito, da real potencialidade que ela tem (Amaral, 1995). Segundo Adorno *et al.* (1950), Horkheimer e Adorno (1985), algumas características do preconceito, e mais propriamente daqueles que o expressam, são: a falsa generalização, que se refere a considerar todos os elementos de um grupo semelhantes, retirando-se as suas características particulares; a resistência a argumentos que evidenciarão a sua falsidade; a consideração do que é produzido historicamente como algo natural, isto é inerente ao objeto; um pensamento estereotipado, que a partir de um predicado principal – negro, judeu, deficiente – associa imediatamente diversos outros atributos, que é similar ao que estes autores denominam de ‘pensamento do ticket’.

A definição de preconceito de Brown (1995, p. 14) é também apropriada para nossos propósitos. O autor afirma que as atitudes, crenças negativas ou mesmo comportamentos hostis contra membros de um grupo são compartilhadas socialmente. Mas devemos destacar que se o grupo é uma instância importante para o desenvolvimento do preconceito, isso não significa que ele seja a fonte de seu surgimento. Nesse sentido concordamos com Heller (1972, p. 55), quando afirma que a origem do preconceito está na força das integrações sociais que funcionam como “(...)

*produtoras dos preconceitos socialmente influentes; e não estão baseadas nas relações 'face-to-face'.* Assim, ainda que a pertença ou não a um grupo possa ter papel importante na manutenção do preconceito, não é a sua fonte. Essa se encontra, segundo Heller (1972), na tentativa de integrações sociais associadas à ideologia, como justificativa de manutenção de uma situação social injusta, a favor dos interesses da classe social dominante. A relação da ideologia com o preconceito em nível individual é destacada pela autora. Todo indivíduo é particular, singular, no que diz respeito aos seus interesses próprios, mais imediatos, e é humano-genérico quando consegue transcender esses interesses e passa a se preocupar com a realização do que é próprio à essência humana: o trabalho como objetivação, a sociabilidade, a universalidade, a consciência e a liberdade. Os preconceitos se associam aos interesses particulares e se contrapõem ao humano-genérico. A ideologia fomenta a particularidade dos interesses, associando-os ao desenvolvimento de preconceitos. Uma ilustração disso vem da análise de Marcuse (1999) da mentalidade alemã no período nazista. Os alemães preferiam a segurança do emprego no fascismo à liberdade possível na democracia, que, no passado – na República de Weimar –, se associava com o desemprego, com a inflação e com a insegurança.

Numa direção semelhante, Adorno *et al.* (1950) investigaram a predisposição dos estadunidenses, na década de 1940, de aderirem à ideologia fascista. Partiram da hipótese de que as necessidades psíquicas mediavam a adesão às ideologias, de sorte que pessoas com determinados problemas psíquicos, segundo os conceitos da psicanálise, defenderiam uma ideologia política-econômica conservadora, e pessoas com um ego bem estruturado, a ideologia liberal. Na época, o conservadorismo era entendido como a defesa do mercado, e a tendência liberal como aquela que defendia uma organização social mais justa. Obtiveram dados que mostram haver a relação esperada, ainda que a correlação que encontraram não tenha sido muito elevada. De formas distintas, Heller (1972) e Adorno *et al.* (1950) mostram a relação entre a ideologia, a constituição dos indivíduos e o preconceito. Ambos entendem a configuração social como determinante importante para o surgimento dos preconceitos.

Conforme resultados de outros trabalhos de Crochík (1999, 2000, 2003, 2005), calcados em

análises dos pensadores da Teoria Crítica da Sociedade, a ideologia predominante em nossa época é a da racionalidade tecnológica. Menos que aos conteúdos específicos, ela se refere a formas de pensamentos sistemáticos, lógicos, matemáticos, que tendem a entender da mesma maneira os fenômenos sociais e os fenômenos da natureza. Os fenômenos sociais, que só podem ser entendidos historicamente, no desenvolvimento da sociedade, são considerados naturais. O importante, para essa ideologia, é menos o conteúdo defendido e mais a forma que assume a defesa. Os conflitos individuais são considerados como problemas unicamente individuais e as percepções das contradições sociais como falhas do pensamento. Em outro estudo, Crochík (2000) constatou que essa ideologia se associa quer com características narcisistas de personalidade, quer com a adesão implícita ao fascismo, avaliada pela escala F. Mais recentemente, verificou-se também a sua associação com a manifestação de preconceitos (Crochík, 2005). Assim, quanto mais o pensamento do indivíduo é sistemático, técnico, mais ele apresenta características narcisistas de personalidade, maior é a sua adesão à ideologia fascista e maior a manifestação de preconceitos.

Como a escala F é uma medida indireta de manifestação de preconceitos, a correlação obtida dos escores dessa com os escores da escala que avalia a adesão à ideologia da racionalidade tecnológica também indica que quanto maior é essa adesão, maior é o grau de preconceito dos sujeitos avaliados (Adorno *et al.*, 1950; Crochík, 2000, 2005). Assim, ao estudar o preconceito, não é possível desconhecer a sua relação com a ideologia. Se essa última é produzida socialmente, os preconceitos, desenvolvidos também ao nível individual, auxiliam a reproduzi-la. Interessante também é pensarmos, à luz do que desenvolvemos até o momento, que a proposta de educação inclusiva, nas acepções de Mantoan (2003) e de Ainscow (1997), não pode prescindir de uma alteração substancial da educação atual. Uma das alterações é quanto à homogeneidade das classes, que deve ceder à heterogeneidade, à diferença, uma vez que a atual segregação, representada por instituições especiais e por classes especiais, é propícia ao aperfeiçoamento da escola existente e não à sua mudança. Ou seja, as mudanças atreladas à educação inclusiva parecem ser contrárias à ideologizada racionalidade tecnológica.

Desta forma, o preconceito se associa a essa ideologia, fortalecendo-a, e o que poderia ser considerado um progresso da consciência social, devido ao avanço técnico, traz consigo o que impede esse avanço: o preconceito. Claro que o preconceito que examinamos nesta pesquisa diz menos respeito à educação inclusiva do que àqueles que devem ser incluídos. Assim, é ao menor de rua, ao pobre, ao imigrante, aos deficientes que se volta o preconceito.

Adorno et al. (1950), Bettelheim e Janowitz (1950) e mais recentemente Altemeyer (1998) e Whitley (1999) mostraram que aquele que tende a ser preconceituoso em relação a um alvo tende também a sê-lo em relação a outros alvos. Quem tem preconceitos em relação aos judeus tende a tê-lo também em relação ao negro, ao homossexual, o que indicaria que há certa independência entre o preconceito e o seu alvo. A educação inclusiva, conforme dito, envolve diversas minorias, é voltada para todos, mas se o preconceito dirigido a uma delas deve também estar associado com o preconceito voltado às demais, então não é necessário examinar todas elas, no que se refere ao preconceito, mesmo porque se alguns indivíduos não são favoráveis à determinada minoria, serão contrários ao princípio básico da inclusão educacional.

Dessa forma, propomos investigar a atitude a respeito da educação integrada/inclusiva, tendo como alvo específico a criança com deficiência, que é o tipo de aluno que, provavelmente, exige maior modificação na didática dos professores e oferece maior desafio para aprender o que é ensinado, além de ter sido a principal minoria de que fala a literatura da área (Mantoan, 2003; Mittler, 2003; Stainback & Stainback, 1999).

Em síntese, dois fatores pertinentes à área da Psicologia Social parecem estar associados às dificuldades do desenvolvimento da educação inclusiva em nosso meio: o preconceito e a ideologia da racionalidade tecnológica; o primeiro por dificultar a percepção de que crianças com deficiência possam se desenvolver bem em classes regulares e não atrapalhar os demais alunos, e a última, por dificultar o indivíduo que a ela adere uma percepção voltada para uma organização escolar menos segregadora.

Os professores e os alunos são centrais na questão, apesar de não serem os únicos envolvidos da educação integrada/inclusiva. Assim, é

importante saber se futuros professores são favoráveis ou não a essa modalidade de educação e o quanto o preconceito e a ideologia da racionalidade tecnológica estão correlacionados com essa atitude. Desta forma, o objetivo desta pesquisa foi o de verificar em alunos de cursos de Licenciatura a sua atitude a respeito da educação integrada/inclusiva – no que se refere aos alunos com deficiência –, e a relação entre essa, a manifestação de preconceitos, a adesão à ideologia da racionalidade tecnológica e a adesão à ideologia fascista.

## **Método**

Fizeram parte deste estudo 149 alunos de cursos de Licenciatura das áreas de humanas, exatas e biológicas de quatro universidades da cidade de São Paulo, dentre os quais 95 eram do sexo feminino e 54 do sexo masculino, e cuja média de idade foi de 25 anos com desvio-padrão de 6,9. Foram aplicadas três escalas construídas em pesquisas anteriores por Crochík (2000, 2004, 2005), com os itens que, nesta aplicação, tiveram correlações significantes com o escore total da escala às quais pertenciam: a da Ideologia da Racionalidade Tecnológica (escala I, com 18 itens), a da Manifestação de Preconceitos (escala P com 14 itens) e a de Atitudes a respeito da Educação Integrada/Inclusiva (Escala E com 11 itens), bem como a escala da adesão implícita ao Fascismo (escala F, com 28 itens) de Adorno e colaboradores (1950), que foi traduzida por Crochík (1999). Os alphas de Cronbach obtidos para as escalas, nesta pesquisa, foram respectivamente: escala I - 0,72; escala P - 0,70; escala E - 0,68 e escala F - 0,83.

As escalas contêm itens do tipo Likert, com seis alternativas de respostas variando entre 'discordo plenamente' (um ponto) e 'concordo plenamente' (sete pontos), sem a existência de ponto neutro. Quanto maior a concordância com os itens, mais é contrária a atitude frente à educação integrada/inclusiva, maior a manifestação do preconceito e maior a adesão às ideologias pesquisadas; não obstante, as escalas E, I e P tiveram alguns itens invertidos, cujas respostas foram convertidas no sentido acima indicado para os cálculos dos escores dos sujeitos. Para designar a ordem de apresentação dos itens, esses foram considerados independentemente das escalas às quais pertenciam e misturados entre si aleatoriamente (ver anexo I). Um item foi apresenta-

do duas vezes (itens 13 e 71) para verificarmos se os sujeitos estavam respondendo com atenção; quando a diferença das respostas dadas a essa mesma afirmação foi maior que um ponto, as respostas do sujeito em questão foram desconsideradas. Não foram considerados também os sujeitos que pertenciam às minorias referidas na escala P (negros, judeus, deficientes físicos e deficientes mentais).

## Resultados

De início comparamos os escores das diversas escalas entre os sexos pela prova t de Student, com o nível de significância de 0,01 e com 1 e 147 graus de liberdade. Os valores de t obtidos foram: escala E: 0,03; escala F: 0,06, escala I: 0,54 e para a escala P: 1,35; nenhum deles foi significativo ao nível adotado, assim os resultados de ambos os sexos foram analisados em conjunto. Em seguida, correlacionamos a idade com as diferentes escalas e só houve correlação significativa, ao nível de 0,01, dessa variável com a escala P ( $r = 0,25$ ); em função disso, calculamos correlações parciais, considerando a variável 'idade' como controle em todas as correlações entre as escalas. Comparamos também as diversas escalas entre as áreas de formação de nossos sujeitos – exatas, biológicas e humanas – pela análise de variância com 2 e 146 graus de liberdade e nível de significância de 0,01. Encontramos os seguintes valores: escala E:  $F = 0,05$ ; escala F:  $F = 18,06$ ; escala I:  $F = 10,02$ ; e escala P:  $F = 9,25$ ; como obtivemos diferenças significantes, ao nível adotado, nas escalas F, I e P, fizemos correlações entre elas separadamente para cada uma das áreas, sem deixar de calculá-las para a amostra como um todo.

A Tabela 1 traz as médias e os desvios padrões obtidos em cada uma das escalas para a amostra geral.

**Tabela 1**  
**Médias e desvios padrões das escalas.**

Escala	Média	Desvio Padrão
E	3,51	,92
F	3,74	,85
P	3,24	,88
I	4,19	,96

Segundo os dados da Tabela 1, pode-se notar que a média na escala I encontra-se pouco acima do ponto médio do contínuo (deve-se lembrar que, para todas essas escalas, o escore variou de um a sete pontos, com o ponto médio de quatro pontos), e as escalas F, E e P apresentaram médias entre a 'discordância leve' (3 pontos) e o ponto médio (4 pontos). De modo geral os desvios não foram elevados. É importante considerarmos aqui que quanto maiores os escores dentro da escala ('concordância moderada' e 'concordância plena'), mais as respostas indicam manifestação de preconceito e adesão às ideologias fascista, e da racionalidade tecnológica e atitude contrária à educação inclusiva.

Na Tabela 2 são apresentadas as correlações entre as escalas para a amostra geral.

**Tabela 2**  
**Correlações entre as escalas na amostra geral.**

Escala	E	F	P	I
E		0,25	0,35	0,22
F	0,25		0,56	0,71
P	0,35	0,56		0,38
I	0,22	0,71	0,38	

Na Tabela 2 encontram-se as correlações entre as escalas aplicadas, todas significantes ao nível de 0,001. Como se pode notar, a escala E apresenta correlação maior com a escala P, o que significa que quanto maior a manifestação do preconceito, maior a atitude contrária à educação inclusiva e vice-versa. Podemos supor, considerando as correlações da escala E com as escalas F e I, que as adesões às ideologias fascista e da racionalidade tecnológica contribuem para a atitude contrária à educação inclusiva, mas em menor intensidade do que o preconceito. Deve-se notar que, ainda que significantes, quando consideradas as magnitudes das correlações entre as escalas, as que apresentam valores menores são as correlações que envolvem a escala E com as demais, o que indica que as escalas F, P e I, na amostra, apresentaram-se mais relacionadas entre si do que com a escala E.

A Tabela 3 contém as correlações entre as escalas para os alunos de licenciatura provenientes dos cursos da área de exatas, bem como suas médias e desvios-padrão.

**Tabela 3**  
**Correlações entre as escalas dos alunos da área de exatas, médias e desvios-padrão.**

Escalas	E	F	P	I	Média	D. P.
E		0,09	0,35***	0,08	3,71	0,86
F	0,09		0,32**	0,93***	4,12	0,77
P	0,35***	0,32**		0,34**	3,49	0,85
I	0,08	0,93***	0,34**		4,30	0,85

N=87; \*\*p<0,01; \*\*\*p<0,001

Os resultados dos estudantes da área de exatas indicam que a escala E tem maior correlação com a escala P, repetindo a tendência da amostra geral descrita na Tabela 2, e isso provavelmente porque o maior número de sujeitos da amostra geral vem dessa área. As escalas que apresentam maior correlação entre si são a escala F e a escala I. A média de respostas favoráveis à

educação integrada/inclusiva (escala E) se mantém ligeiramente abaixo do ponto médio, o que indica atitude levemente favorável a essa modalidade de educação.

A Tabela 4 contém as correlações entre as escalas, suas respectivas médias e desvio-padrão para os alunos de licenciatura provenientes dos cursos da área de humanas.

**Tabela 4**  
**Correlações entre as escalas dos alunos de humanas, médias e desvios-padrão.**

Escalas	E	F	P	I	Média	D. P.
E		0,31	0,36	0,29	3,66	0,95
F	0,31		0,03	0,92***	3,14	0,72
P	0,36	0,03		0,06	2,83	0,79
I	0,29	0,92***	0,06		3,56	0,99

N=28; \*\*\*p<0,01

Na Tabela 4, pode-se notar que as correlações de E com as demais escalas não são significantes para os alunos dos cursos de Humanas. As médias desse grupo evidenciam que, em geral, as respostas se mantêm abaixo do ponto médio, o que indica pouca adesão às ideologias fascista e da racionalidade tecnológica bem como pouca

manifestação do preconceito, porém, a média mais alta foi a da escala E, aproximando-se do ponto médio.

Na Tabela 5 são apresentadas as correlações, as médias e os desvios-padrão obtidos nas diversas escalas pelos alunos de Licenciatura dos cursos das áreas biológicas.



**Tabela 5**

**Correlações entre as escalas dos alunos de biológicas, médias e desvios-padrão.**

<b>Escalas</b>	<b>E</b>	<b>F</b>	<b>P</b>	<b>I</b>	<b>Média</b>	<b>D.P.</b>
E		0,43**	0,34*	0,49**	3,68	0,89
F	0,43**		0,37*	0,90***	3,65	0,81
P	0,34*	0,37*		0,41*	3,00	0,81
I	0,49**	0,90***	0,41*		3,79	0,73

N=34; \*p<0,05; \*\*p<0,01 e \*\*\*p<0,001

Conforme se pode observar na Tabela 5, as correlações da escala E com as escalas F e I apresentam magnitude intermediária, o que indica que quanto maior a atitude contrária à educação integrada/inclusiva dos alunos de biológicas, maior a adesão às ideologias fascista e da racionalidade tecnológica. Houve também correlação significativa ao nível de 0,05 entre os escores da escala E e os da escala P, o que indica que o preconceito também é um fator importante naqueles que são contrários à educação inclusiva.

## **Discussão**

Os resultados desta pesquisa mostram que, nos alunos dos cursos de Licenciatura das áreas de Exatas, Biológicas e Humanas, há uma posição levemente favorável à educação integrada/inclusiva, no que se refere aos alunos com deficiência, que se aproxima do ponto médio da escala E. Em outras palavras, não são contrários, nem tampouco plenamente favoráveis a ela. Talvez isso ocorra devido a ser a discussão sobre esse tipo de educação recente em nosso meio e não ter uma importância central nos cursos de licenciatura. Conforme explicitado na introdução deste artigo, no Brasil, ainda é pequena a parcela de crianças com deficiência em sala de aula regular, quando comparado com outros países, como os E.U.A. e Itália, o que pode ensejar a pouca atenção dada a essa forma de educação na formação dos professores. Outro resultado que pode fortalecer essa hipótese é o de que não houve diferenças signifi-

cantes entre os alunos das três áreas no que se refere a essa questão, pois seria esperado, por suposição, que os alunos das áreas de humanas fossem mais favoráveis a esse tipo de educação, tendo em vista que deveriam ter mais informações sobre esse tema do que seus colegas das outras áreas.

Se não houve, em média, uma posição francamente favorável à educação integrada/inclusiva para alunos deficientes, as variáveis manifestação de preconceito, adesão à ideologia da racionalidade tecnológica e adesão à ideologia implícita ao fascismo correlacionaram-se significativamente com a atitude em relação àquele tipo de educação, sendo que quanto maior o preconceito e a adesão a aquelas ideologias, mais contrária é a posição em relação à educação não segregadora, o que confirma as hipóteses desta pesquisa. Deve-se ressaltar, contudo, que as magnitudes dessas correlações não foram elevadas, e assim os que são contrários a esse modelo de educação não são necessariamente preconceituosos ou adeptos àqueles ideologias, para esses indivíduos, talvez, tal como foi suposto no parágrafo anterior, falem informações e mais discussões sobre esse tema.

Outro dado importante obtido nesta pesquisa é o de que a atitude em relação à educação integrada/inclusiva mostrou-se relacionada a diferentes fatores em cada uma das áreas de licenciatura pesquisadas. Os alunos dos cursos de humanas, conforme já observado, obtiveram os escores mais baixos em todas as escalas e os alunos dos cursos de exatas, os mais altos. Assim, o grupo de alunos de exatas mostrou atitude mais preconcei-

tuosa e maior adesão às ideologias fascista e da racionalidade tecnológica em comparação ao grupo de humanas.

Os estudantes dos cursos de humanas não apresentaram relações significantes entre a atitude em relação a essa modalidade de educação e a adesão às ideologias fascista e da racionalidade tecnológica bem como ao preconceito. Mesmo assim, a ausência de correlações entre as escalas, nesse grupo, não implica que essas não possam vir a ser encontradas numa amostra com um número maior de sujeitos, uma vez que neste estudo esse número foi baixo.

No grupo dos estudantes de Exatas, a atitude frente à educação integrada/inclusiva foi significativamente correlacionada à atitude preconceituosa, mas não à adesão às ideologias estudadas. Tendo em vista as correlações obtidas em outro estudo (Crochík, 2005) entre a manifestação do preconceito e os dois tipos de ideologia, pode-se supor que o preconceito que se relaciona com a posição contrária à educação integrada/inclusiva, neste grupo, seja, sobretudo, o que é independente das ideologias avaliadas, ou seja, mais associado a características de personalidade que obstam a relação com o que é desconhecido e a outras formas de ideologia, como a conservadora, por exemplo, estudada por Adorno *et al.* (1950), que encontraram correlações, em média, de 0,52, entre as escalas que avaliavam, direta ou indiretamente, o preconceito, e a escala que mensurava a adesão a ideários políticos econômicos conservadores.

Nos estudantes da área de biológicas, que obtiveram o valor intermediário no que se refere à atitude favorável à educação integrada/inclusiva, notou-se algo diverso em relação às correlações anteriormente observadas nos outros grupos e semelhante ao obtido com a amostra total; ou seja, a atitude em relação a essa modalidade de educação está correlacionada às ideologias da racionalidade tecnológica e fascista e com o preconceito, confirmando mais uma vez as hipóteses desta pesquisa.

Uma hipótese a ser levantada diante dos resultados obtidos nesses três grupos é que a forma e o conteúdo do currículo em cada uma das áreas podem ter interferência na posição adotada frente à educação integrada/inclusiva; além disso, também não podemos descartar o fato de que a escolha da carreira desses estudantes já possa re-

fletir posicionamentos anteriores à formação superior que apenas se cristalizam durante o curso de graduação. De qualquer forma, os dados indicam que a questão da educação integrada/inclusiva deve ser abordada de modos diferentes nas Licenciaturas, de acordo com as carreiras, uma vez que a concordância ou não com esse tipo de educação está ligada a distintos fatores em cada uma delas.

Deve-se assinalar que como as correlações da escala E com as demais escalas, quando significantes, não foram de elevada magnitude, não se pode afirmar que os que são contrários à educação integrada/inclusiva são necessariamente preconceituosos ou adeptos das ideologias examinadas, mas que há uma tendência nesse sentido, o que já justifica que quer o preconceito, quer essas ideologias devam ser combatidas também nos cursos de formação. Outras variáveis devem ser mais investigadas, principalmente a que se refere ao grau de conhecimento sobre o tema que os sujeitos têm. De todo o modo, esse resultado reforça a importância em abordar o tema da educação integrada/inclusiva dentro do processo de formação de professores, o que corrobora as conclusões de Ortega (1995), Mclesky *et al.* (1999) e Mittler (2003) citadas na introdução deste artigo.

Para confirmar e aprofundar as informações obtidas nesta pesquisa, seria importante que as amostras dos cursos de Licenciatura de Biológicas e de Humanas fossem maiores.

## Referências

- Adorno, T. W., Frenkel-Brunswik, E., Levinson, D. J. e Sanford, R. N. (1950). **The Authoritarian Personality**. Nova Iorque: Harper and Row.
- Adorno, T. W., & Horkheimer, M. (1985). **Dialética do esclarecimento**. (2a. ed.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Ainscow, M. (1997). Educação para todos: torná-la uma realidade In: Ainscow, M., Porter, G., & Wang, M. **Caminhos para as escolas inclusivas**. Lisboa: Instituto de Inovação Educacional.
- Altemeyer, B. (1998). **The other 'authoritarian personality': Advances in experimental**, pp.47-91.

- Amaral, L. A. (1995). **Conhecendo a deficiência (em companhia de Hércules)**. São Paulo: Robe.
- Bettelheim, B., & Janowitz, M. (1950). **Dynamics of prejudice**. New York: Harper.
- Brown, R. (1995). **Prejudice: It's social psychology**. Oxford: Blackwell Publishers.
- Cook, B. G., Tankersley, M., Cook, L., & Landrun, T. J. (2000). Teacher's attitudes toward their included students with disabilities. **Exceptional Children**, 67(1), 115-135.
- Crochík, J. L. (1999). **A ideologia da racionalidade tecnológica e a personalidade narcisista**. Tese de Livre-Docência, Instituto de Psicologia da USP, São Paulo.
- Crochík, J. L. (2000). Tecnologia e individualismo: um estudo de uma das relações contemporâneas entre ideologia e personalidade. **Análise Psicológica**, 18(4), 529-543.
- Crochík, J. L. (2003). Manifestações de preconceito em relação às etnias e aos deficientes. **Boletim de Psicologia**, 52(118), 89-108.
- Crochík, J. L. (2004). **Atitudes em relação à educação inclusiva**. Relatório de Pesquisa enviado ao CNPq.
- Crochík, J. L. (2005). Preconceito: relações com a ideologia e com a personalidade. **Estudos de Psicologia**, 22(3), 309-319.
- Delgado, M. L. e Martinez, T. S. (2002). **Didáctica y organización de la educación especial**. Madrid: Dykinson.
- Duckitt, J. (1992). Psychology and Prejudice: A Historical Analysis and Integrative Framework. **American Psychologist**, 47, 1182-1193.
- Gracia, V. S. (2000). **La educación integradora en europa**. Valencia: Artes Gráficas Soler.
- Heller, A. (1972). **O Quotidiano e a história**. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- Jenkins, J. R., Odom, S. L., & Speltz, M. L. (1989). Effects of social integration on preschool children with handicaps. **Exceptional Children**, 55(5), 420-428.
- Krech, D., Crutchfield, R. S., & Ballachey, E. L. (1975). **O indivíduo na sociedade: um manual de psicologia social**. São Paulo: Pioneira.
- León, M.J. (1994, agosto). La perspectiva del profesor tutor sobre los problemas de la integración de los niños con necesidades educativas especiales. **Revista de Educación Especial**, 14, 77-83.
- Mantoan, M. T. E. (2003). **Inclusão escolar: o que é? Por quê? Como fazer?** São Paulo: Moderna.
- Marcuse (1999). **Tecnologia, guerra e fascismo**. São Paulo: UNESP.
- Mcleskey, J., Henry, D. e Axelroad, M.I. (1999). Inclusion of students with learning disabilities: an examination of data from reports to congress. **Exceptional Children**, 66, 55-66.
- Mittler, P. (2003). **Educação inclusiva: contextos sociais**. Porto Alegre: Artmed.
- Monteiro, M. B., & Castro, P. (1997). **Cada cabeça sua sentença**. Oeira: Celta.
- Odom, S. L., Deklyen, M., & Jenkins, J. R. (1984). Integrating handicapped and nonhandicapped preschoolers: developmental impact on nonhandicapped children. **Exceptional Children**, 51(1), 41-48.
- Ortega, M. J. B. (1995). Un instrumento para evaluar las necesidades formativas de los profesores ante la integración. **Revista de Educación Especial**, 20, jul/dez. p. 41-59.
- Pastells, A. A. (1993, agosto). La integración de alumnos deficientes en la escuela ordinaria. **Revista de Educación Especial**, 14, 77-83.
- Rendruello, R. E. A. (2002). **Educación especial**. Madrid: Pearson Educación S.A.
- Secretaria da Educação Especial (2000). **Educação para todos: EFA 2000**. Brasília: Ministério da Educação.
- Stainback, S., & Stainback, W. (1999). **Inclusão: um guia para educadores**. Porto Alegre: Artes Médicas Sul.
- Whitley, Jr. & Bernard E. (1999). **Journal of personality and social psychology**. 77(1), 126-134.

Recebido em/ received in: 10/02/2006  
Aprovado em/ approved in: 23/03/2006

## Anexo: Instruções e itens das escalas<sup>8</sup>

1-Data de nascimento: \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_\_\_

2- Curso: \_\_\_\_\_ Ano do curso: \_\_\_\_ Semestre do curso: \_\_\_\_\_

3-Sexo:       feminino ( )       masculino ( )

4- Pretende lecionar para:

( ) as primeiras quatro séries do ensino fundamental:

( ) as últimas quatro séries do ensino fundamental

5-Religião:

( ) católica ( ) protestante ( ) judaica ( ) oriental ( ) de origem africana

( ) outra - qual? \_\_\_\_\_ ( ) sem religião ( ) ateu

6-Cor da pele: \_\_\_\_\_

7- Tem deficiência física? ( ) sim ( ) não

8- Tem parente próximo (irmãos, filhos) com deficiência mental?

( ) sim ( ) não

Nas próximas páginas apresentamos afirmações sobre diversos temas. Gostaríamos de saber o grau de sua concordância com cada uma delas. Não há respostas corretas ou incorretas para essas afirmações, que não expressam necessariamente o pensamento dos pesquisadores, que concordam com algumas delas e discordam de outras, assim, como provavelmente deverá acontecer com você. Garantimos o anonimato de suas respostas.

Pedimos a você que:

a) leia atentamente cada afirmação e responda conforme a sua primeira impressão;

b) responda a todas as questões; e

c) não comente as suas respostas com os seus colegas até o final da aplicação.

Obrigado!

Observação: Neste questionário, entendemos por educação integrada/inclusiva aquela que possibilita aos alunos com necessidades educativas especiais estudar na sala de aula regular.

Instruções: Assinale com um 'X', abaixo de cada afirmação, o valor correspondente à sua discordância ou concordância, seguindo a seguinte escala:

1	2	3	5	6	7
<i>Discordância</i>	<i>Discordância</i>	<i>Leve</i>	<i>Leve</i>	<i>Concordância</i>	<i>Concordância</i>
<i>Plena</i>	<i>Moderada</i>	<i>Discordância</i>	<i>Concordância</i>	<i>Moderada</i>	<i>Plena</i>

P-01-Como negros e brancos têm preferências específicas quanto a tipos de música e de dança, não é de estranhar que existam casas noturnas freqüentadas quase exclusivamente por negros e outras por brancos.

1           2                           3   5   6   7

E-02-A convivência, em sala de aula, com alunos com deficiência pode gerar um sentimento de superioridade nos alunos sem essa deficiência.

1           2                           3   5   6   7

I-03-O socialismo é um sistema que contém belos ideais teóricos, porém não aplicáveis na prática.

1           2                           3   5   6   7

\*P-04- O judeu não valoriza o dinheiro mais do que outros povos.

1           2                           3   5   6   7

\*E-05- No ensino integrado/inclusivo, o ritmo mais lento dos alunos com deficiência não prejudica o aprendizado dos outros alunos.

<sup>8</sup> Ao lado de cada item segue a letra indicativa da escala à qual pertence; o asterisco significa que o item tem o sentido invertido em relação ao que a escala avalia.

1	2	3	5	6	7
F-06- Algum dia se provará talvez que a astrologia pode explicar muitas coisas.					
1	2	3	5	6	7
I-07- Se a pena de morte diminuir a criminalidade, ela deve ser aprovada.					
1	2	3	5	6	7
F-08- A obediência e o respeito pela autoridade são as principais virtudes que devemos ensinar às nossas crianças.					
1	2	3	5	6	7
I-09- A criação de meios indolores para a execução de criminosos revela respeito pelos direitos humanos.					
1	2	3	5	6	7
F-10- Um indivíduo de más maneiras, maus costumes e má educação dificilmente pode fazer amizade com pessoas decentes.					
1	2	3	5	6	7
P-11- A pessoa com deficiência física, na maioria das vezes, lembra-me a imperfeição humana.					
1	2	3	5	6	7
F-12- A familiaridade cria desprezo.					
1	2	3	5	6	7
F-13- O que este país necessita, primordialmente, antes de leis ou planos políticos, são alguns líderes valentes, incansáveis, e devotos em quem o povo possa depositar a sua fé.					
1	2	3	5	6	7
E-14- Numa sala de aula regular, deve haver poucos alunos com deficiência.					
1	2	3	5	6	7
*I-15- A produtividade no trabalho é pouco importante para a realização profissional.					
1	2	3	5	6	7
F-16- Não se concebe nada mais baixo do que uma pessoa que não sente profundo amor, gratidão e respeito por seus pais.					
1	2	3	5	6	7
*I-17- No capitalismo, o sucesso independe do esforço individual.					
1	2	3	5	6	7
*E-18- No ensino integrado/inclusivo, a maior atenção que os alunos com deficiência necessitam do professor não é prejudicial ao aprendizado dos outros alunos.					
1	2	3	5	6	7
F-19- O comerciante e o industrial são muito mais importantes para a sociedade do que o artista e o professor.					
1	2	3	5	6	7
*I-20- O político não precisa ter boa formação escolar para resolver os conflitos sociais.					
1	2	3	5	6	7
F-21- Os homens podem ser divididos em duas classes definidas: os fracos e os fortes.					
1	2	3	5	6	7
*I-22 - O adultério não implica que o adulto que o pratica seja imaturo.					
1	2	3	5	6	7
P-23- O avanço da medicina com os seus métodos de detectar imperfeições nos fetos é importante, pois impede o nascimento de pessoas com deficiência mental.					
1	2	3	5	6	7
P-24- Os negros, em geral, têm uma inclinação para os esportes e para a música.					
1	2	3	5	6	7
*E-25- O comportamento dos alunos com deficiência, no ensino integrado/inclusivo, não atrapalha a concentração dos outros alunos.					
1	2	3	5	6	7
F-26- Só por meio do sofrimento se aprendem as coisas verdadeiramente importantes.					

	1	2	3	5	6	7
F-27-	A ciência tem o seu lugar, mas há muitas coisas importantes que a mente humana jamais poderá compreender.					
	1	2	3	5	6	
P-28-	Em geral, as pessoas com deficiência física tentam compensá-la sobressaindo nas atividades intelectuais.					
	1	2	3	5	6	7
*I-29-	A prostituição é um trabalho tão decente quanto outro qualquer.					
	1	2	3	5	6	7
F-30-	Às vezes, os jovens têm idéias rebeldes que, com os anos, deverão superar para assentar os seus pensamentos.					
	1	2	3	5	6	7
I-31-	A violência atual é devida à impunidade.					
	1	2	3	5	6	7
F-32-	Se falássemos menos e trabalhássemos mais, todos estaríamos melhor.					
	1	2	3	5	6	7
*I-33-	O atual progresso tecnológico não tem proporcionado mais liberdade.					
	1	2	3	5	6	7
F-34-	Todos devemos ter fé absoluta num poder sobrenatural, cujas decisões devemos acatar.					
	1	2	3	5	6	7
P-35-	As escolas judaicas deveriam dar menos ênfase ao judaísmo e mais atenção a valores como o de solidariedade.					
	1	2	3	5	6	7
F-36-	Os homossexuais são quase criminosos e deveriam receber um castigo severo.					
	1	2	3	5	6	7
*P-37-	A contribuição social que o deficiente mental pode dar não é inferior àquela dos não deficientes.					
	1	2	3	5	6	7
F-38-	Nenhuma pessoa decente, normal e em seu são juízo pensaria em ofender um amigo ou parente próximo.					
	1	2	3	5	6	7
P-39-	Uma das piores fatalidades que pode acontecer com uma pessoa é ter deficiência mental.					
	1	2	3	5	6	7
I-40-	O lazer agradável acontece depois do dever cumprido.					
	1	2	3	5	6	7
F-41-	Hoje em dia, as pessoas se intrometem cada vez mais em assuntos que deveriam ser estritamente pessoais e privados.					
	1	2	3	5	6	7
P-42-	Freqüentemente, os negros, por sua forma de ser despreziosa, têm maior dificuldade em conseguir cargos de chefia.					
	1	2	3	5	6	7
E-43-	Os alunos com deficiência, no ensino integrado/inclusivo, sentem-se desmotivados, em sala de aula, por não conseguirem acompanhar o ritmo de outros alunos.					
	1	2	3	5	6	7
I-44-	Com os recursos científicos e tecnológicos de hoje somos mais felizes do que antigamente.					
	1	2	3	5	6	7
I-45-	Os pais devem mostrar carinho pelos filhos, mesmo que não seja espontâneo.					
	1	2	3	5	6	7
P-46-	Geralmente, as pessoas com deficiência mental não são atraentes.					
	1	2	3	5	6	7

- I-47- Os linchamentos são decorrentes do descrédito na polícia e na justiça.  
1      2                      3                      5                      6                      7
- F-48- Os crimes sexuais tais como o estupro ou ataques a crianças merecem mais que a prisão; quem comete estes crimes deveria ser açoitado publicamente ou receber um castigo pior.  
1      2                      3                      5                      6                      7
- F-49- Deve-se castigar sempre todo insulto à nossa honra.  
1      2                      3                      5                      6                      7
- F-50- A maioria de nossos problemas sociais estaria resolvida se pudéssemos nos livrar das pessoas imorais, dos marginais e dos débeis mentais.  
1      2                      3                      5                      6                      7
- \*P-51- Os comportamentos oriundos de culturas afro-descendentes deveriam ser aceitos por todos.  
1      2                      3                      5                      6                      7
- I-52- As telenovelas são boas quando apresentam personagens que são facilmente identificáveis no cotidiano.  
1      2                      3                      5                      6                      7
- I-53- Quando alguém tem problemas ou preocupações, é melhor não pensar neles e se ocupar de coisas mais agradáveis.  
1      2                      3                      5                      6                      7
- E-54- O ritmo mais rápido dos alunos sem deficiência prejudica o aprendizado dos alunos com deficiência, quando estudam conjuntamente.  
1      2                      3                      5                      6                      7
- I-55- As prostitutas deveriam ter atendimento psicológico e reeducação para terem melhor encaminhamento na vida.  
1      2                      3                      5                      6                      7
- F-56- A vida sexual desenfreada dos antigos gregos e romanos era um jogo inocente em comparação com o que sucede neste país, mesmo nos lugares menos imagináveis.  
1      2                      3                      5                      6                      7
- I-57- Em alguns casos, seria importante que o homossexual tivesse um acompanhamento psicológico para poder rever a sua escolha sexual.  
1      2                      3                      5                      6                      7
- F-58- A maioria das pessoas não imagina até que ponto a nossa vida está dirigida por conspirações forçadas em lugares secretos.  
1      2                      3                      5                      6                      7
- E-59- Os alunos com deficiência devem estudar em ambientes separados dos outros alunos.  
1      2                      3                      5                      6                      7
- F-60- Hoje em dia, em que tantas classes diferentes de pessoas andam e se misturam por todos os lados, as pessoas devem se proteger, com especial cuidado contra o contágio de infecções e enfermidades.  
1      2                      3                      5                      6                      7
- F-61- Tal como é a natureza humana, sempre haverá guerras e conflitos.  
1      2                      3                      5                      6                      7
- \*E-62- Sou favorável à inclusão de alunos com deficiência nas salas de aula regulares.  
1      2                      3                      5                      6                      7
- F-63- Algumas pessoas nascem com necessidade de saltar de lugares altos.  
1      2                      3                      5                      6                      7
- E-64- O professor precisa recorrer a um especialista para ensinar alunos com deficiência em sala de aula regular.  
1      2                      3                      5                      6                      7
- E-65- No ensino integrado/inclusivo, os alunos sem deficiência apresentam comportamentos inadequados ao se identificarem com alunos com deficiência.

1            2                            3    5    6    7  
F-66- Nenhuma fragilidade ou dificuldade pode nos deter, quando temos suficiente força de vontade.

1            2                            3    5    6    7

\*P-67- Os casamentos mistos não colocam em risco a cultura negra.

1            2                            3    5    6    7

P-68- O avanço da medicina com os seus métodos de detectar imperfeições nos fetos é importante, pois impede o nascimento de pessoas com defeitos físicos.

1            2                            3    5    6    7

F-69- Do que mais necessita a nossa juventude é de uma disciplina estrita, firme determinação e vontade de trabalhar e lutar pela família e pela pátria.

1            2                            3    5    6    7

F-70- As guerras e os conflitos sociais podem acabar algum dia por obra de um terremoto ou de uma inundação que destrua o mundo inteiro.

1            2                            3    5    6    7

F-71- O que este país necessita, primordialmente, antes de leis ou planos políticos, são alguns líderes valentes, incansáveis, e devotos em quem o povo possa depositar a sua fé.

1            2                            3    5    6    7